



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Sonia Gomes Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Paisagem e Academia: Agostinho José da Mota

A historiografia sobre a arte brasileira sempre insistiu no papel secundário que a paisagem desempenhou na prática dos artistas do século XIX, especialmente entre os brasileiros, em contraste com o interesse dos estrangeiros – muitos deles viajantes – pela nossa natureza para eles pitoresca e exótica.

Isto levou muitos autores a concluir que não havia interesse da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro – principal centro artístico de formação artística na época - pela pintura de paisagem, numa atitude em paralelo ao desprestígio que a cultura brasileira teria, num período voltado para a superação do passado colonial e a importação de modelos europeus identificados com o progresso.

É realmente fato que o grande investimento feito pela Academia dirigiu-se para a pintura histórica e a retratística oficial – cumprindo, desta maneira, o objetivo prioritário deste tipo de instituição que na França, desde o século XVII, adotara um caráter estatal.

Assim, embora a Academia brasileira sempre tenha tido a cadeira de Pintura de Paisagem desde o seu início e que, inclusive, um dos seus mais importantes diretores – Félix-Émile Taunay – tenha sido paisagista, é realmente verdade que o seu grande esforço didático foi voltado para o difícil domínio da representação da figura humana – elemento essencial para o caráter narrativo da pintura histórica.

No entanto, gostaria de enfatizar aqui dois pontos que me parecem importantes para a discussão da paisagem na cultura artística do século XIX no Brasil: de um lado, o pouco conhecimento que ainda se tem da própria pintura de paisagem; e, de outro, a tentativa de conhecer mais um artista do qual ainda sabemos pouco: Agostinho José da Mota.

Em geral, a historiografia refere-se a alguns nomes de destaque, como o de Nicolas-Antoine Taunay e de seu filho, Félix-Émile Taunay – atuantes na primeira metade do século – e o Grupo Grimm – durante a década de 1880. Mas, entre estes dois momentos, há uma lacuna, que talvez possa vir a ser preenchida, com a maior divulgação dos acervos tanto públicos quanto privados.

Vou tomar aqui, como caso de estudo, Agostinho José da Mota (1824-1878), pois ele foi o único ganhador do concurso de Prêmio de Viagem à Europa na categoria de pintura de paisagem durante o Império, enquanto os demais sete pensionistas foram todos pintores de história.